

NEURODIVERSIDADE E PESQUISA EM ARTES CÊNICAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Autores:

LHULLIER LUGÃO, Sílvia. Artes Cênicas, PPGAC/ECA/USP. silvialhullier@gmail.com

COUTINHO, Eduardo Tessari. Artes Cênicas, PPGAC/ECA/USP. edumimo@usp.br

ERNANDES, Paula Cristina Masoero Ernandes. Artes Cênicas. PPGIA/UNESP.
paulaernandes@gmail.com

SEIXAS, Victor de. Dr. Pedagogia do teatro, PPGAC/ECA/USP. victor@deseixas.com

SILVA, Fabrícia Eliane. Ma. Artes Cênicas e Educação. PPGAC/ ECA/ USP (2024).
fabriciaeliane@yahoo.com.br

Resumo:

A presente comunicação reúne relatos dos artistas-pesquisadores neurodiversos Fabrícia Eliane, Victor de Seixas, Paula Ernandes e Sílvia Lhullier relativo ao encontro *Neurodiversidade e Pesquisa em Artes Cênicas*, realizado no dia 5 de dezembro de 2024 na Escola de Comunicações e Artes da USP. Proposto pelo Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho, o evento contou com a participação do Prof. Dr. Antônio de Pádua Serafim, professor associado do departamento de psicologia da USP. O objetivo deste relato é afirmar a importância da participação de pessoas neurodiversas como pesquisadores no campo das artes cênicas, destacando a potente contribuição que tais indivíduos oferecem ao avanço das pesquisa em artes partindo de características específicas de sua forma de cognição. Fabrícia Eliane trouxe como sua íntima relação com o silêncio, enquanto pessoa neurodiversa e mãe atípica, tornou-se foco de sua pesquisa em arte. Victor de Seixas descreve em sua fala o impacto que o diagnóstico

de neurodiversidade teve em sua vida pessoal, em sua pesquisa e em sua prática artística. Paula Ernandes reflete sobre a necessidade de maior ressonância das vozes neurodiversas em meios acadêmicos e na sociedade em geral por meio de linguagens e manifestações artísticas. Sílvia Lhullier relata como descobrir a sua condição neurodiversa a permitiu investigar a relação entre sua forma de ser e estar no mundo e de pesquisar e fazer arte. Por fim, o grupo reitera a importância da participação de pesquisadores artistas neurodiversos em eventos acadêmicos, como Mesas de Comunicação, Congressos e Reuniões Científicas.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Artes Cênicas; Pesquisa.

Resumo expandido

Partindo da iniciativa do grupo de pesquisa *CEPECA*¹, realizou-se, no dia 5 de Dezembro de 2024, no auditório Lupe Cotrim da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o encontro *Neurodiversidade e Pesquisa em Artes Cênicas*². O evento teve como intuito promover um primeiro passo na direção do letramento acerca das características de pessoas neurodiversas, refletindo como estas podem atuar no desenvolvimento de pesquisas em artes cênicas. Para tanto, reuniram-se o Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho, mediador e proponente do encontro; o Prof. Dr. Antônio de Pádua Serafim, professor associado do departamento de psicologia da USP; juntamente com os artistas-pesquisadores neurodiversos Victor de Seixas, Fabrícia Eliane, Paula Ernandes e Sílvia Lhullier. A presente comunicação é uma síntese de tal encontro, afirmando a importância do debate tanto na academia quanto no campo artístico, expressando os desejos dos artistas pesquisadores de

¹ O Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator | CEPECA-USP, é formado por artistas-pesquisadores e pesquisadores-artistas explorando territórios cujas fronteiras estão em constante fricção: artes da cena, academia e sociedade. O grupo existe há 17 anos, é dirigido pelo Prof. Dr. Eduardo Tessari Coutinho, reunindo discentes e docentes do PPGAC, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), além de pesquisadores de outras universidades de todo o mundo

² <https://www.youtube.com/live/8h0ny5LyoT8>

continuidade das discussões iniciadas em outros contextos. Assim, o grupo propõe a criação de um e-book, de distribuição livre e gratuita, acerca do assunto.

Debater a neurodiversidade é estabelecer uma política psicoeducativa que busca criar espaços adequados a indivíduos com características de funcionamento do ponto de vista neurológico que não se enquadram dentro dos parâmetros estabelecidos pela norma social.

Na mesa de discussão que se formou, cada artista pesquisador contou um pouco da sua relação com a neurodiversidade e as artes cênicas:

Fabília iniciou dizendo que não poderia romantizar o autismo em si. Desde a graduação no departamento de artes cênicas da ECA teve certas dificuldades, principalmente sociais, nas quais não teve acolhimento. O próprio intervalo de tempo transcorrido entre a formação na graduação e a entrada no mestrado (16 anos) teve profunda relação com o fato de ser uma pessoa neurodiversa. Contou que o desejo de retornar à universidade era profundo, mas intensas também foram as crises de ansiedade e os processos depressivos enfrentados nesse intervalo de tempo.

Mas, se por um lado demorou muito mais do que o desejado para ter coragem de passar por um processo de ingresso ao mestrado, por outro, estudar sempre foi seu hiperfoco. Nunca parou de estudar, e ser hiper focada em estudo foi algo que a ajudou ao longo da vida como estudante. O problema sempre foram os momentos de intervalo, “recreio” das aulas. Não entendia a necessidade desse momento e por inúmeras vezes isso foi motivo de sofrimento psíquico, especialmente quando não tinha ainda laços de amizade constituídos com pessoas com as quais estudava.

As dificuldades que ser uma pessoa neurodiversa trouxeram acabaram fazendo parte de seu objeto de pesquisa em arte durante o mestrado, no qual buscou compreender e ressignificar pedagógica, política e artisticamente sua relação com a neurodiversidade e, mais especificamente, a sua relação com o silêncio.

Ao pesquisar a dimensão artístico-pedagógica do silêncio, desenvolveu um processo intimamente ligado à sua história de vida, tanto como pessoa neurodiversa como quanto mãe atípica. Sua pesquisa intitulada *Por uma Pedagogia do Silêncio: narrativa, performance e cuidado de si*, percorreu um caminho no qual práticas artístico-contemplativas foram elaboradas, experimentadas e compartilhadas de modo

a trabalhar o autocuidado, o cuidado a outras mães atípicas e o cuidado ao silenciamento histórico ocorrido na cidade de Barbacena/MG, retomando a história de sua bisavó que foi definitivamente internada por excesso de silêncio.

No transcorrer da pesquisa, a pesquisadora foi compreendendo que as questões que trazia acerca da necessidade de silêncio para se regular, dos momentos de crise enfrentados devido aos ruídos e a importância do silêncio para a promoção da saúde, eram maiores que a sua neurodiversidade e que pessoas neurotípicas também poderiam se beneficiar com o que estava sendo de maneira artística investigado .

Paula contou que o doutoramento iniciado em 2022 no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-Unesp) tem se constituído em processo de busca e encontro de vozes – suas próprias vozes e outras vozes, que ressoam juntas –, enquanto desejos de significar em arte. Sendo uma pessoa com Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), encontrou na pesquisa em Artes Cênicas formas de se manifestar por meio destas vozes, de modo que tem vivenciado a experiência de revelá-las e mantê-las presentes em meio acadêmico. Acreditando que a academia pode e deve dialogar continuamente com a sociedade para além dos muros da universidade, o que se espera é que as referidas vozes se propaguem em níveis cada vez mais ressonantes. Uma sociedade em que certas vozes sejam convidadas a se calar e/ou permanecer caladas merece que muito se fale e escreva sobre os transtornos mentais/psiquiátricos os mais diversos que há. O medo do estigma muitas vezes convida ao silêncio, razão pela qual acredita que este deva ser quebrado, para que todas as pessoas possam, sem distinção, manifestar-se livremente.

Sua pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação do IA-Unesp parte da prática e reflexão sobre ela. Por meio de emoções estéticas, tece reflexões sobre aspectos da vida de uma pessoa com TOC ao longo da tese. O apelo à empatia existe, pois a diversidade deve ser acolhida pela sociedade, e se apresenta na escrita em arte. Desta forma, a tese se transforma, aos poucos, em uma espécie de manifesto em favor de vozes neurodiversas e do quanto estas merecem o devido espaço de audição, atenção e propagação em meio social, mediante toda sua humana diversidade.

A partir de sua experiência como atriz, cantora e performer, observa o efeito benéfico de práticas que envolvem uma maior disponibilidade corporal na exploração de movimento e de recursos sonoros por meio da voz. Nestas circunstâncias, há a nítida percepção de que seus comportamentos se dão sob menor autovigilância em comparação com o que ocorre no cotidiano. Se, devido ao TOC de higiene e contaminação, há várias interdições no dia a dia quanto a como pode ou não agir, o mesmo parece não acontecer em meio a experimentações as mais diversas. A alegria em meio a atividades prazerosas e significativas gera inúmeras possibilidades de melhora de qualidade de vida. Sobre o efeito terapêutico da alegria pouco pode ser discutido em um texto pautado por experiências pessoais - e não sob um viés científico -, mas é ela que se experiencia, entre outras emoções, no campo da poética cênica e em campos correlatos.

Durante muito tempo, Victor de Seixas carregou uma sensação de desencontro. Os caminhos tradicionais da atuação, especialmente aqueles que exigiam o acesso direto às emoções, pareciam-lhe sempre inacessíveis. A famosa “memória afetiva” nunca abriu as portas que prometia. Sentia, criava e se expressava — mas por outras rotas, menos lineares, mais intuitivas. Foi dessa tensão entre exigência e impossibilidade que nasceu sua pesquisa.

Sem ainda saber nomear o que o diferenciava, Seixas começou a construir, a partir de si, um método. Experimentou o gesto como via de acesso ao afeto. Encontrou no corpo — e nas técnicas como o mimo corpóreo, a palhaçaria, a máscara e a bufonaria — formas de desenhar as emoções por fora, com ritmo, intenção e presença, antes mesmo de senti-las por dentro. Assim, formulou uma pedagogia do contorno: em vez de exigir que se “sinta para atuar”, propunha atuar para, quem sabe, vir a sentir. Essa abordagem, inicialmente construída como resposta a seus próprios limites, mostrou-se surpreendentemente eficaz também para outros atuentes — sobretudo os que, como ele, enfrentavam caminhos menos diretos para acessar seus afetos.

Foi apenas mais tarde, estruturando sua metodologia na pesquisa de doutorado que veio o diagnóstico de neurodiversidade. A revelação não apagou a pesquisa: ao contrário, iluminou-a. Tudo passou a fazer sentido. As dificuldades de antes se reorganizaram em outro plano, e estratégias que pareciam apenas alternativas

passaram a ser vistas como soluções inventivas diante de uma outra forma de funcionamento cognitivo e afetivo. O diagnóstico não foi um ponto final, mas um marco de reinterpretação. Um gesto simbólico que permitiu acolher com mais empatia o próprio percurso.

Essa virada de chave ofereceu uma nova camada ética à sua prática. Mais do que um método eficaz, a pedagogia que desenvolveu passou a ser também um espaço de pertencimento — um lugar onde corpos diferentes, com seus tempos, percepções e intensidades, não precisam se adaptar a uma norma invisível. Ao compreender melhor suas próprias estratégias, Seixas ampliou sua visão sobre os processos de aprendizagem e criação. Incorporar a neurodiversidade como parte estrutural da pesquisa lhe permitiu ajustar seus métodos com mais consciência e desenvolver uma escuta mais atenta às diferenças, construindo assim uma pedagogia mais sensível, inclusiva e acolhedora — tanto para os estudantes quanto para si mesmo.

Nesse percurso, a neurodiversidade deixou de ser uma questão paralela e passou a fazer parte das perguntas centrais da pesquisa. Não apenas como tema, mas como condição concreta que atravessa o modo de pensar, compor, ensinar e estar em cena. Reconhecer isso tornou possível não só entender melhor as próprias estratégias, mas também abrir espaço para outras formas legítimas de criar presença — menos dependentes de modelos homogêneos e mais sensíveis às diferenças que cada corpo carrega.

Silvia iniciou sua fala com uma anedota, pois esta é a forma como se relaciona com o mundo. Algumas vezes durante a sua vida passou pelo susto e pela vergonha de “bater de cara com uma porta de vidro” em público. Enquanto ela e seus colegas riam dessa “trapalhada típica da Sílvia”, ela tentava se recompor e compreender o que havia acontecido. Descobrir-se neurodiversa foi finalmente reconhecer a existência de um obstáculo invisível com o qual ela frequentemente se deparava. Descobrir que para atingir seus objetivos ela teria que desenvolver estratégias diferentes daquelas utilizadas por muitos dos seus colegas.

Refletir e investigar o seu modo de ser e estar no mundo, de se relacionar com as pessoas que a cercam, trouxe descobertas ainda mais profundas, principalmente quanto à sua própria forma de pesquisar e de fazer arte. As imagens, sons, texturas e

todas as formas de sensações que facilmente consegue reproduzir e experienciar dentro de simulações da sua mente, podem ser muito mais do que gatilhos para crises de ansiedade, essas experiências funcionam como mecanismos sensíveis que a conduzem a um estado criativo propício à cena. O seu interesse é despertado por pequenos detalhes, esses mudam o seu foco que passa a investigar profundamente trilhas obscuras de documentos dos séculos XVIII e XIX, estabelecendo novas conexões com seu cotidiano, com a cultura popular, sem uma hierarquia de conhecimentos estabelecida, seu cérebro desorganiza e brinca com as informações, recompondo-as em um novo raciocínio. Sente que sua expressão artística e científica se manifestam em uma forma de construção que tensiona essa dita desordem neurodiversa com a busca por uma sintaxe, uma linha ordenadora que faça o seu pensamento ser compreendido.

Desse encontro realizado, foi possível observar o interesse do público presente acerca do assunto, trazendo suas dúvidas e destacando a importância de continuidade da discussão, dadas as inúmeras potencialidades do olhar da neurodiversidade tanto para o campo das artes cênicas como para o campo da inclusão dentro da universidade. Considera-se relevante a participação de artistas neurodiversos em Congressos científicos, a fim de que suas vozes sejam ouvidas.

Agradecimentos

Prof Dr. Eduardo Tessari Coutinho
CEPECA

Referências

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Fabrícia Eliane. **Por uma Pedagogia do Silêncio**: narrativa, performance e cuidado de si. 2024. 161 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas e Educação). Departamento de Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

LEBRETON, David. **Experiência do corpo no mundo contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEIXAS, Victor Paulo de. Um labirinto de carne: micronarrativa corporal e a potência cênica. 2023. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

doi:10.11606/T.27.2023.tde-16082023-153856. Acesso em: 2025-08-05.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? In: **Disability Discourse**, editado por Mairian Corker e Sally French, Londres: Open University Press, 1999.

SQUIRES, Janet. **Neurodivergence and performance**: Inclusive theatre-making. Londres: Methuen Drama, 2022.